



Meu amigo Nietzsche: leitura, educação e apropriação ampliada por diferentes mediações

My friend Nietzsche: reading, education and appropriation amplified by different mediations

Mi amigo Nietzsche: lectura, educación y apropiación amplificadas por distintas mediaciones

Ellen Valotta Elias Borges – Universidade Estadual Paulista (UNESP) | Marília | São Paulo | Brasil.
E-mail: ellenvalotta@yahoo.com.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7811-0256>

Mariana Rodrigues Gomes de Mello – Universidade Estadual Paulista - UNESP | Marília | São Paulo | Brasil. E-mail: mariana.rg.mello@unesp.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5925-8554>

Daniel Martínez-Ávila – Universidad de León | León | Espanha. E-mail: dmartinezavila@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2236-553X>

Resumo: Neste trabalho, pretende-se comentar as formas de mediação da informação apresentadas no curta-metragem “Meu Amigo Nietzsche”, de Fáuston da Silva. Isso se dá a partir das práticas das personagens, as quais, embora fictícias, são representativas de práticas sociais costumeiras, nos ambientes familiar e escolar da sociedade brasileira para, assim, alcançar a apropriação dos conceitos da obra de Nietzsche, “Assim falou Zaratustra”. O problema de pesquisa incide nas seguintes questões: quantas palavras se perdem por falta de compreensão, que vai além de uma leitura meramente codificada, sem interpretação do contexto? A presença do processo de mediação é um fator importante para a apropriação da informação. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória, com aspecto bibliográfico, no que tange ao diálogo do curta-metragem com outros autores da Filosofia, da Educação, da Comunicação e da Ciência da Informação. Ao final percebe-se que todas as negociações que surgiram durante os processos de mediação foram determinantes para a apropriação realizada por Lucas. O processo de leitura do livro demonstrou uma evolução nos processos de apropriação.

Palavras-chave: mediação da informação; apropriação da informação; leitura; curta metragem “Meu Amigo Nietzsche”.

Abstract: In this paper, we intend to comment on the forms of mediation of information presented in the short film "My Friend Nietzsche", by Fáuston da Silva. To do so, this is done, starting from the practices of the characters which, although fictional, are representative of usual social practices, in family and school environments, of Brazilian society. And thus, to achieve the appropriation of concepts from Nietzsche's "Thus Spoke Zarathustra". The research problem focuses on the following questions: how many words are lost due to lack of comprehension, which goes beyond a merely codified reading, without interpretation of the context? The presence of the mediation process is an important factor for the appropriation of information. Methodologically, this is a descriptive and exploratory research, with bibliographical aspects, regarding the dialogue of the short film with other authors from Philosophy, Education, Communication, and Information Science. At the end, it is clear that all the negotiations that took place during the mediation processes were crucial for Lucas' appropriation of the book. The process of reading the book showed an evolution in the processes of appropriation.

Keywords: mediation of information; appropriation of information; reading; short film “My friend Nietzsche”.



<https://doi.org/10.22484/2318-5694.2022v10id4829>





Resumen: En este trabajo pretendemos comentar las formas de mediación de la información presentadas en el cortometraje “Meu Amigo Nietzsche”, de Fáuston da Silva. Nos basamos en las prácticas de los personajes que, aunque ficticios, son representativos de las prácticas sociales habituales en el ambiente familiar y escolar de la sociedad brasileña para lograr la apropiación de los conceptos de la obra de Nietzsche "Así habló Zaratustra". El problema de investigación se centra en las siguientes preguntas: ¿cuántas palabras se pierden por falta de comprensión, que va más allá de una mera lectura codificada, sin interpretación del contexto? La presencia del proceso de mediación es un factor importante para la apropiación de la información. Metodológicamente, se trata de una investigación descriptiva y exploratoria, con aspectos bibliográficos, que relaciona el diálogo del cortometraje con otros autores de la Filosofía, la Educación, la Comunicación y la Ciencia de la Información. Finalmente se percibe que todas las negociaciones surgidas durante los procesos de mediación fueron decisivas para la apropiación realizada por Lucas. El proceso de lectura del libro demostró una evolución en los procesos de apropiación.

Palabras clave: mediación de la información; apropiación de la información; lectura; cortometraje “Mi amigo Nietzsche”.

Recebido em: 25/10/2021

Aprovado em: 26/09/2022



1 Introdução

A leitura é um processo de autoconhecimento e de descobrimento do mundo. Se assim é, a alfabetização e o aprendizado estão ligados ao desenvolvimento dos indivíduos no mundo e na sociedade. A mediação é necessária para um apropriado direcionamento de todas as etapas que se ligam ao conhecimento. Segundo ressalta Martins (2003, p. 34), “[...] aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados”.

Foucambert (1994) também aponta que a leitura vai além de passar os olhos sobre letras impressas. A leitura está relacionada com o enfrentamento que fazemos aos questionamentos da vida, e seu processamento em conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos. Diversos autores têm enfatizado a importância do ambiente familiar e sobretudo a escola na formação de leitores. Para Paulo Freire (1995), a educação é um recurso que também depende da leitura e da compreensão que o aluno traz do mundo e do meio em que vive.

Posto isto, pretende-se comentar as formas de mediação da informação apresentadas no curta-metragem “Meu Amigo Nietzsche”, de Fáuston da Silva. Para tanto, isso se dá a partir das práticas das personagens, as quais, embora fictícias, são representativas de práticas sociais costumeiras, nos ambientes familiar e escolar, da sociedade brasileira, e, assim, alcançar a apropriação dos conceitos da obra de Nietzsche “Assim falou Zaratustra”. Vale ressaltar, que o filme analisado foi gravado na Cidade Estrutural¹, periferia de Brasília, e conta a história de Lucas, um menino que, segundo a sua educadora, apresenta déficit no aprendizado escolar.

Esse garoto encontra em um aterro sanitário o livro “Assim Falou Zaratustra”, um dos mais complexos e alegóricos do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Ao tentar realizar a leitura da capa do livro², o garoto já se depara com uma imensa dificuldade

¹ A cidade estrutural é um bairro no Distrito Federal. Sua formação foi realizada por uma invasão de catadores de lixo próximo ao aterro sanitário do Distrito Federal. Possui péssimas condições de saneamento básico, educação, saúde, segurança e infraestrutura. Disponível em: <https://jornaldaestrutural.webnode.com.br/news/historia%20da%20vila%20e%20do%20lix%C3%A3o%20da%20estrutural/>. Acesso 15. Abr. 2021.

² Vale ressaltar, que este momento do curta-metragem, em questão, faz uma referência ao filme 2001: Uma Odisseia no Espaço, de Stanley Kubrick. No filme toca a mesma música “Assim Falou



e, para compreender o que estava escrito, ele inicia um intenso processo de apropriação conquistado por diferentes processos de mediação que marcam a construção discursiva do sujeito, que no curta-metragem, em questão, é um menino da periferia (CAIRO, 2013).

Portanto, o problema de pesquisa incide nas seguintes questões: quantas palavras se perdem por falta de compreensão, que vai além de uma leitura meramente codificada, sem interpretação do contexto? A presença do processo de mediação é um fator importante para a apropriação da informação? Estas questões são abordadas com uma discussão crítica do exemplo do filme, utilizando a teoria da mediação da informação e a discussão da filosofia de Nietzsche.

2 Diferentes mediações, diferentes apropriações.

Há muitas acepções do termo mediação, dependendo do domínio de que ele provém. Em Ciência da Comunicação, Martín-Barbero (1987), em linhas gerais, compreende a mediação como a categoria que une a comunicação à cultura, expressa como o local entre a produção e a recepção. Ou seja, a mediação enquanto o espaço no qual a cultura cotidiana se concretiza. Em face à diversidade de mediações experimentadas pelos receptores, diferentes sentidos integrarão as mensagens e, a partir da aquisição de novos significados, as mensagens se desdobram em novas práticas.

Porém, em Ciência da Informação, segundo Almeida Júnior (2015), a mediação da informação é uma ação de interferência. Com base nos conceitos apontados, faremos uma relação entre mediação e apropriação, com enfoque na última. De acordo com o filme, o menino só consegue realizar algum tipo de apropriação após os diferentes processos de mediação pelos quais passa.

As concepções apresentadas pelos autores, muito embora com enfoques distintos, negam a neutralidade da mediação, sugerindo a ocorrência de interferências

Zaratustra”, do compositor Wagner (aliás, grande amigo de Nietzsche em certa fase de sua vida) no momento em que o macaco encosta no monolito e é atingido pelo conhecimento. A edição do livro que o garoto encontra também é toda preta, como um pedaço de monolito que carrega o conhecimento.



e afirmando a impossibilidade de imparcialidade no processo. O conceito de mediação também transcende a noção de mera disponibilização dos materiais de informação. A apropriação da informação só se efetiva quando o sujeito, além de assimilar e compreender um dado conteúdo, transforma as estruturas do seu conhecimento a partir dessa relação, ou seja, ao adquirir e incorporar a informação, o sujeito modifica o seu repertório, tornando o seu conhecimento único e pessoal.

A mediação da informação que iremos focar neste trabalho se concretiza em um ambiente de diálogo, cooperação, interação e respeito entre os envolvidos. Almeida Júnior (2015) pondera acerca da impossibilidade de satisfazer plenamente as necessidades do sujeito, visto que o acréscimo de informações é gerador de dúvidas e incertezas, produzindo novos conflitos. É desta forma que Lucas passa pelos processos de mediação. A cada dúvida, o garoto progride e continua na busca incessante por informações que possam satisfazer suas necessidades informacionais. Entretanto, essas necessidades vão se modificando, à medida que o garoto transforma seus conhecimentos.

A primeira mediação na representação do filme acontece na escola por meio de uma manipulação de sua professora. Lucas, sendo um aluno com notas baixas, é manipulado a estudar mais para não reprovar. As palavras de sua professora são as seguintes: “Lucas, você tem que ler mais, ler de tudo que aparecer, tem que treinar. Se você não melhorar a sua leitura você vai ter de repetir de ano”.

Após escutar a orientação da professora, o garoto decide realizá-las ao pé da letra. Lucas sai da escola e começa a ler tudo o que aparece diante de seus olhos no trajeto para sua casa. É interessante observar que a orientação “ler de tudo” é algo muito abstrato. O garoto começa a ler tudo, ainda que aquilo não traga nenhum tipo de necessidade informacional para ele. Assim é o processo de apropriação massificada pelo qual a maioria das pessoas passa, ou seja, as pessoas leem simplesmente com os olhos, mas se esquecem de criar relações com o cérebro. Simplesmente leem, mas não sabem o porquê nem para quê. O menino faz leituras de panfletos, placas, fachadas, etc. Ele tenta concentrar-se para realizar as leituras, mas seus amigos o distraem e o atrapalham. A distração vence a concentração e Lucas deixa para trás o processo de leitura e segue junto com seus colegas atrás de uma pipa que entra e cai dentro do lixão da cidade.



Há uma placa pendurada na cerca do lixão: “Proibido a entrada de crianças nesta área”. É uma placa bem feita, provavelmente a pedido de algum funcionário administrativo e, mesmo assim, há erros de português. Ou seja, o mesmo descaso que as crianças demonstram pela placa é demonstrado com a língua portuguesa. Ainda que seja um erro sutil, demonstra a falta de conhecimento em relação à concordância nominal. O fato de a placa ser ignorada pelas crianças que adentram o local representa a ineficiência de algumas informações. Muitas placas são criadas para determinados fins sociais, mas, infelizmente não são nem lidas e, quando lidas, tampouco são respeitadas, quando compreendidas.

Ao entrar no local, o garoto demonstra estar vivendo um conflito entre o dever e a obrigação. Ao abaixar-se para amarrar seu cadarço, o menino retoma sua atividade de leitura e começa a ler palavras de rótulos de embalagens jogadas no lixão: leite desnatado, filtro de papel etc. Observa-se a inutilidade deste tipo de leitura. Ignoram-se informações de uma placa com uma finalidade específica e explora-se a leitura de palavras presentes em pedaços de lixo no chão. Estamos diante de uma situação paradoxal: lê-se aquilo que não é para ler e ignora-se o que é para ler. Não estamos diante de uma reflexão atual? Quanto lixo nós lemos o tempo todo e ignoramos aquilo que realmente é preciso ler?

Apesar da inutilidade das leituras realizadas por Lucas, é naquele local que o improvável acontece. É no lixão que o garoto encontra a palavra que mudaria sua vida: Nietzsche. A obra do filósofo alemão está jogada dentro de um lixão, com todo tipo de coisas inúteis. Talvez, seja um paralelo que possamos traçar sobre a visão que a sociedade atual tem acerca da importância da reflexão. A obra do filósofo estava imersa ao meio de todo tipo de lixo na cidade de Brasília, capital de nosso país. Estamos diante de uma dicotomia representada pela riqueza e pobreza. É na capital do país (a riqueza) que se apresenta o lixo (a pobreza).

É dentro do lixão (a pobreza) que se encontra o conhecimento (a riqueza). É dentro de Brasília (a riqueza) que está a periferia (a pobreza), é dentro da periferia (a pobreza) que encontramos tesouros como Lucas (a riqueza). O desprezo pela educação e a valorização da mídia de consumo é algo que propicia a cada geração a perda da capacidade de reflexão. A mídia dissemina lixo todos os dias e o conhecimento fica cada vez mais submerso, escondido, difícil de ser encontrado,



mesmo dentro da capital de nosso país. É na riqueza que encontramos a pobreza, mas é na pobreza que também encontramos a riqueza.

Ao entrar em casa, o menino começa os primeiros processos de mediação para a compreensão do livro encontrado. Os pais representam uma importante referência de conhecimento. É assim que começa o processo. O garoto pergunta ao seu pai o significado da palavra “Nietzsche” escrita na capa do livro. O pai, sem dar muita atenção, responde logo para se livrar do menino e conseguir arrumar a televisão para continuar assistindo ao jogo de futebol. O pai sem se preocupar em verificar realmente de que trata o livro, diz logo que acha que é inglês. A mãe, ao escutar, pega o livro, dá uma passada de olhos apenas na capa e confirma: “Deixa eu ver. Essa palavra aqui? Isso aqui é inglês mesmo”.

A mãe, mediadora do menino naquele instante da leitura, afirma algo que ela própria não sabe, sem se preocupar em saber a verdade. Este fato é algo que acontece todos os dias. Vivemos cercados de pessoas, com autoridade sobre nós, que disseminam informações como se fossem verdades absolutas, utilizam textos de determinados autores e os compartilham como se fossem de própria autoria. Não se pode confiar mais na veracidade das informações de forma acrítica. O sujeito recebe de forma passiva e, sem se preocupar com a verdade daquilo que lê, compartilha e reproduz o que está no pensamento do outro sem se preocupar em refletir e criar o seu próprio pensamento. É interessante observar a transformação do menino nesta parte. Ele já não é mais aquele sujeito passivo que, no início do filme, mal olhava para a professora, apenas a ouvia sem nenhum tipo de interação. Porém, ao receber a explicação de sua mãe, Lucas demonstra-se insatisfeito e reage ao comentário: “Mas aqui dentro tá escrito brasileiro e aqui fala de super-homem”.

O início de seu comentário com o uso da conjunção “mas” indica uma ideia contrária àquela apresentada pela mãe. Ao perceber o questionamento do menino e sem saber o que responder a mãe ainda reafirma seu pensamento como se fosse uma verdade única: “Pois é! Super-homem é estrangeiro mesmo!”.

O pensamento da mãe de Lucas representa um pensamento coletivo que atua em grande parte do povo brasileiro. Ser um super-homem só pode ser algo estrangeiro. Este tipo de apropriação é culpa de uma mídia que valoriza a sociedade do consumo que busca cada vez mais o ter, o luxo, o prazer e o dinheiro. Muitos



destes valores são representados por meio de aquisições de produtos estrangeiros. Tudo o que é de fora do Brasil é melhor, é caro e só pode ser comprado por aqueles que têm poder aquisitivo diferenciado da maior parte da população. Esta cultura do ter é o que representa o poder na sociedade capitalista. Para uma família da periferia, estes valores estão muito distantes de serem conquistados e, por isso, a ideia de super-homem, apropriada culturalmente pela mãe de Lucas, é algo que só pode estar relacionado a outro país, a outra realidade que não faz parte da vida deles.

O menino sai com o livro nas mãos e vai ao supermercado. Surge, então, outro processo de mediação. Ao passar pelo caixa, o garoto pergunta à funcionária se ela sabe o que está escrito na capa do livro. A garota diz não saber, e o garoto sai do local decepcionado, ainda tentando ler com dificuldades a palavra estranha da capa. Sem alcançar nenhum sucesso, o garoto descarta o livro. Como ler algo que não se pode compreender a palavra presente na capa? Como começar um processo de leitura sem uma mediação adequada? Qual o propósito da mediação? Interferir? Manipular? Desestimular ou motivar?

Cada tipo de mediação vai criar determinados comportamentos que podem ajudar ou prejudicar o processo de leitura e apropriação. A falta de esclarecimento da moça do mercado desencadeou o desinteresse do garoto, acarretando o abandono do livro. Lucas, cansado de procurar respostas para suas dúvidas, resolve desfazer-se do livro e o coloca dentro de uma carrocinha de reciclagem. Esta relação entre livro e lixo é muito presente nas cenas do filme. O livro é um instrumento de poder que detém conhecimentos que podem transformar comportamentos e atitudes, no entanto, é tratado no filme como algo descartável e seu destino é sempre o lixo. Mal sabia o garoto que aquela carrocinha de lixo reciclável era de uma pessoa culta, sujeito responsável pela mediação que supre a necessidade informacional que o garoto procurava e ninguém conseguia responder.

Analisando a cena do encontro entre o menino e o dono da carrocinha, pode-se fazer um paralelo com o propósito da pesquisa que parte do pressuposto de que é o modo pelo qual a mediação é realizada que a apropriação é interiorizada. Não é no primeiro momento que a apropriação significativa acontece; contudo, todos os processos anteriores de mediação são determinantes para a conquista da apropriação. Todos os mediadores anteriores influenciam, de alguma forma, este



percurso complexo trilhado por Lucas. É no encontro com o dono da carrocinha que surge a mediação significativa para a compreensão da palavra tão desejada: *Nietzsche*.

Após abandonar o livro, Lucas segue seu caminho e, de repente, escuta uma voz: “Ei, menino! Este livro é seu? Você tá lendo esse livro?”

Lucas responde que o livro era seu sim, mas ele não consegue nem ler o que está escrito na capa. Deduz-se, então, pela forma como o garoto responde que, se ele não consegue nem ler a capa, imagina como seria o conteúdo do livro. Esta premissa de imaginarmos difícil aquilo que não conhecemos não significa que não sejamos capazes de compreender. É nesse ponto que entra a importância da mediação.

Foi por meio da mediação realizada pelo dono da carrocinha que o menino decide aventurar-se por uma leitura diferente das outras com que ele estava acostumado a fazer até o momento. Segundo o filme, não se pode afirmar que a estranheza de um texto signifique o não desenvolvimento de uma apropriação significativa e ampliada. O processo de apropriação depende intimamente do modo como é feita a mediação (BORGES, 2016). Apesar da falta de intimidade com aquele tipo de texto, o garoto demonstra interesse em saber a história quando escuta o senhor responder o que ele tanto queria. O senhor fala sobre a palavra presente na capa: “[...] Nietzsche, foi ele quem escreveu este livro [...] esse cabra é do nordeste da Europa, da Alemanha [...]”

Nesse momento, a palavra Alemanha surge como uma palavra mágica e o menino todo empolgado toma o livro das mãos do senhor e pergunta: “Da Alemanha? Da seleção de futebol?”

Ao receber a afirmação de sua pergunta, o garoto faz outra pergunta: “Este livro fala de futebol?”

Renasce no garoto a vontade de ler o livro. Saber que ali dentro fala sobre futebol foi uma informação determinante para tomar de volta o livro para si. O senhor se demonstra muito perspicaz e consegue manipular o processo de mediação ao falar aquilo que ele percebeu que o garoto gostaria de ouvir. Conhecer o sujeito que fará a leitura, interpretar seu comportamento é uma negociação cultural que faz toda a diferença para o processo de leitura e apropriação. O senhor observa que Lucas veste



a camisa da seleção brasileira e quando o garoto pergunta se Alemanha é o local da seleção de futebol, o senhor diz que sim. Quando o garoto pergunta se o livro fala de futebol, a resposta do velho é afirmativa, mesmo sabendo que não há nada sobre o tema dentro do livro. O garoto, todo empolgado começa a folhear o livro para buscar informações sobre futebol. Neste momento, o velho mediador responde ao garoto que o livro fala de futebol somente na última página, mas que o garoto precisa começar a leitura do início para entender o livro direitinho. E ainda dá outros conselhos:

Olha! Esse livro é bom, mas é difícil feito o cão, mas você não pode desistir, entendeu? Não desiste! Se você não entender as palavras, você sai feito doido perguntando pra todo mundo, pra toda gente, entendeu?

Lucas começa a leitura por um motivo, mas continua por outros. Ele dialoga com o texto e busca, fora das páginas, compreender as palavras que não estão claras para ele. Começa, assim, uma grande aventura que mudará sua vida.

3 A transformação do sujeito por meio da leitura

O garoto despede-se do senhor e sai lendo o livro. O importante é que ele realmente segue as instruções dadas. A cada palavra que não compreendida, ele saia perguntando para as pessoas que encontrava.

Nota-se, nas primeiras dúvidas, que o garoto pergunta para a primeira pessoa que aparece, porém, na sequência das cenas, o garoto já demonstra certa competência para buscar informações em locais selecionados, o que possibilitou uma mediação mais orientada.

E assim sucedeu a leitura. Lucas abre as primeiras páginas e sai lendo em voz alta: “Aos trintas anos Zaratustra afastou-se de sua pátria [...]. Variaram, porém, os seus sentimentos, e uma manhã, erguendo-se com a aurora [...] Aurora?”

Surge, então, a primeira dúvida do menino: aurora! Ao encontrar uma mulher sentada na frente de sua casa, o menino se aproxima e pergunta: “Oi dona! A senhora sabe o que é aurora?”

E a senhora, com aspecto de dúvida, pensa um pouco e diz que aurora é a vizinha dela. Apontando a casa da vizinha, o garoto segue na direção, chama a vizinha aurora e escuta com atenção a definição do termo apresentado por Aurora:



Aurora é quando o dia nasce assim bem cedinho, sabe? O sol brilhando, bonito. Aurora! Por isso que é meu nome. Lucas segue satisfeito e continua a leitura em voz alta: Zaratustra encontrou, de repente, um velho de cabelos brancos. E o que faz o santo no bosque? Perguntou Zaratustra.

O garoto não compreende o sentido da palavra santo e se direciona à uma igreja a fim de buscar a resposta para sua dúvida. Observa-se que o garoto já não está mais perguntando para qualquer pessoa. O lugar selecionado por Lucas é uma igreja, ou seja, ele faz uma relação da palavra “santo” com as palavras “Assembleia de Deus” escritas na fachada da igreja. O pastor explica que Santo vem da palavra *Sanctum* do latim e que significa separado, aquele que é separado dos pecados do mundo. O garoto sai satisfeito e continua a leitura.

Ao chegar em casa, vai estudar. Sentado, faz a leitura em silêncio enquanto faz algumas anotações em seu caderno. Observa-se uma transformação no processo de leitura. No início, Lucas sai pelas ruas lendo palavras isoladas, depois, ao encontrar um livro, passa grande parte do tempo tentando compreender uma única palavra. Ao compreendê-la, começa o processo de leitura do livro. Em voz alta, segue sua leitura andando pelas ruas. Agora, Lucas encontra-se sentado, de modo concentrando, fazendo uma leitura reflexiva e em silêncio. De repente, pergunta à sua mãe, não mais o sentido de uma palavra, mas o sentido de uma ideia pronta: “Mãe! Deus tá morto?”

Esta pergunta assusta sua mãe. O menino é levado imediatamente à igreja para libertar sua mente de toda escuridão. Lucas continua sua leitura e apresenta um texto para a professora. Ao término da leitura, a professora fica estarecida com as ideias presentes no texto. Neste momento há um diálogo entre Lucas e a professora. Após a professora elogiar as notas, dizer que ele melhorou em todas as avaliações, Lucas diz: “Avaliar é criar, professora. Sem a avaliação a existência seria oca”.

A professora, mais admirada ainda, pergunta se o menino já terminou de ler o livro que ele estava lendo, e Lucas diz que sim, que já leu três vezes. Ao término do diálogo a professora pergunta o que o garoto quer ser quando crescer. Lucas responde: “Eu quero ser super-homem”.

A transformação do garoto por meio da leitura de Nietzsche teve o poder de atuar no coletivo. A professora procura o diretor para falar que o menino ficou louco,



que ele não é mais um menino e sim uma dinamite³. Nota-se que o comportamento de Lucas começa a causar mudanças nas pessoas. Ao se apropriar de ideias libertadoras de sua realidade, o garoto começa a influenciar o ambiente escolar, causando reflexões não apenas na professora, mas nos outros garotos da escola. Lucas compartilha seus conhecimentos e passa a liderar seus colegas por meio de seus pensamentos: “Eu quero é falar de superação. Vocês querem voltar a ser animais ou querem estar acima do homem? Ser super-homem”.

Todos os garotos começam a gritar no pátio da escola dizendo que querem ser super-homem. Ao verificar esta transformação de alunos passivos para sujeitos ativos e reflexivos, o diretor pede para a professora ligar para a mãe do menino. Ao chegar em casa, Lucas pede o livro para sua mãe e ela lhe diz que a professora ligou para ela e falou a respeito do livro. Ela, imediatamente jogou o livro no lixão. Novamente aparece na cena a relação entre livro e lixo. O lugar do livro é representado pelo desprezo da população pela educação. Percebe-se, no entanto, que o desprezo não seja pela educação em si, mas sim pela subversão da ordem, fato que é confirmado pelo próprio autor algumas frases a seguir: O livro retorna ao lixão, de onde nunca deveria ter saído para não desestabilizar os comportamentos sociais. Bem como pela justificativa da mãe que o livro seria do cão.

Quando o garoto recupera o espaço do livro e o leva para a escola, ele é considerado louco, e o livro é devolvido para o lugar de origem, segundo a crítica do filme. O livro retorna ao lixão, de onde nunca deveria ter saído para não desestabilizar os comportamentos sociais. Ao verificar a tristeza do menino a mãe diz: “Filho! Aquele livro era do cão não era? [...] me desculpa, eu não fiz por mal, fiz por você [...] Lucas, então, responde: Mãe, tudo que se faz por amor está sempre além do bem e do mal”.

O garoto sai de casa e corre para o lixão na busca de seu livro. No caminho para o lixão, Lucas vai refletindo sobre a última parte do livro: “Escuta, que eu quero ouvir. Levanta. Escuta-me também com os teus olhos e quando chegares a acordar, acordado ficarás eternamente”. Esta mensagem mostra que após apropriar-se de

³ Este também é um conceito ou expressão usado por Nietzsche que se autodefine não como um homem, mas metaforicamente se compara a uma dinamite. Porém, não é usado na obra “Assim falou Zaratustra”, mas na obra “Ecce Homo”, uma espécie de autobiografia inacabada.



forma reflexiva, ainda que lhe tirem o livro, não podem tirar o conhecimento que foi internalizado pela apropriação que se realizou.

Lucas não tinha mais o livro, mas já tinha o principal, as transformações realizadas pelas informações do livro, ou seja, Lucas acordou para o conhecimento, abriu as portas para a leitura reflexiva, de mundo, muito além das palavras “ocas”, e não parou mais. Nesse sentido, Ana Maria Araújo Freire, doutora em Educação, viúva de Paulo Freire, nos dá as diretrizes, a partir da interpretação da obra de Paulo Freire, do que é uma práxis transformadora por meio de uma leitura em sentido amplo, reflexiva, em que o leitor também é sujeito, em seu contexto, com suas subjetividades.

[...] foi pela imbricação de sentimentos, emoções, observação, intuição e razão que ele criou a sua “leitura de mundo”, uma epistemologia, uma teoria do conhecimento, uma compreensão crítica da educação na qual disse a sua palavra lendo o contexto do mundo ditado pelo “texto” que seu corpo consciente lhe dizia e ele “escutava” e sobre ele refletia. Daí porque Paulo entendia que a palavra verdadeira é práxis transformadora, porque ela diz da intenção de não dizer a palavra vazia ou perversa, oca ou inconsistente, astuta ou destruidora, mas a palavra certa, a palavra verdadeira [...]. Dizer a palavra verdadeira, para ele, é biografar-se. É possibilitar que sejamos sujeito da história também e saíamos da condição de apenas objeto da sociedade (FREIRE, 2015, p. 292).

Retomando a explicação acerca do filme, o menino entra no lixão para procurar o livro perdido. Corre na direção de um livro que estava no chão e, ao abri-lo, lê a seguinte mensagem: “O trabalhador nada tem a perder, a não ser suas algemas [...] trabalhadores do mundo todo, uni-vos”. Após ler a mensagem, Lucas fecha o livro e lê o nome presente na capa: “O Manifesto Comunista”, de Karl Marx.

Faz-se necessário ressaltar que a leitura de Nietzsche desencadeou a transformação de Lucas, enquanto sujeito ante a superação da condição cotidiana, rumo ao ideal do “super-homem”. Porém, se Nietzsche representa a superação de si mesmo, a quebra dos paradigmas vigentes e do império das verdades absolutas ocidentais⁴, especialmente as de cunho moralista, a leitura de Marx implica na superação do sujeito enquanto proletariado frente o maquinário da exclusão

⁴ A filosofia de Nietzsche ficou conhecida como a “filosofia do martelo”, justamente por romper com toda a tradição da filosofia ocidental, desde Parmênides, da identidade do sujeito e do império do absolutismo da verdade, que assume novas roupagens com filosofias, como o cartesianismo e o positivismo, séculos depois. Nietzsche resgata a ideia do movimento, do fluir de Heráclito e reage, principalmente, à moral decadente e hipócrita da sociedade cristã.



capitalista. Uma nova fase, portanto, que no curta-metragem, em questão, Lucas assumirá em direção à construção de um sujeito autônomo.

Assim, a transformação na relação do garoto com a leitura é o desfecho do filme. É possível apropriar uma informação mesmo nos lugares mais improváveis, como um lixão. É a atitude do leitor e como ele é estimulado que vai determinar o processo de apropriação (BORGES, 2016). Lucas se transforma de sujeito passivo para um sujeito ativo, crítico e questionador. O encontro com o primeiro livro representa para o garoto uma grande barreira apresentada pela dificuldade de leitura de uma palavra presente na capa. O não reconhecimento da palavra Nietzsche representava para o garoto a impossibilidade de se relacionar com o livro.

O encontro com o segundo livro, no final do filme, demonstra uma atitude totalmente contrária. Lucas pega o livro, tira a poeira da capa, abre e inicia a leitura de um trecho. Somente após finalizar a leitura, o garoto fecha o livro e se interessa pelo que estava escrito na capa, ou seja, primeiramente, ele verifica o conteúdo para depois conhecer o nome do livro, já que no primeiro livro, a dificuldade representada pela capa não representava a impossibilidade de compreensão do conteúdo. Ou seja, Lucas percebeu que a importância não está na capa, mas nas informações que o livro traz. Nem sempre a capa representa aquilo que será apropriado pelo sujeito, desde que ele saia de sua passividade e abra as portas para criar apropriações e transformar conhecimentos. Inicia-se, portanto, um modelo mais autônomo de letramento, focado na autonomia do aluno ante a aprendizagem da leitura mais libertária (GAMBASSI, 2020).

4 Conceitos de Nietzsche importantes ao enredo

Em Assim Falou Zaratustra, Nietzsche apresenta uma personagem fictícia, conhecida como Zaratustra⁵, um profeta que passa anos em uma montanha e, ao descê-la, começa a peregrinar por vilarejos da região, entoando aforismos, apresentando sua visão de mundo, tecendo reflexões. O texto é marcado por

⁵ O profeta Zoroastro, também conhecido como Zaratustra, na Antiguidade, na Pérsia, fundou a religião baseada na luta entre bem e mal. O Zaratustra de Nietzsche – personagem fictício – coloca-se para “além do bem e do mal”.



metáforas e, a partir delas, Nietzsche vai tecendo os principais conceitos de sua filosofia. Já no prólogo, Nietzsche (2005) afirma que o sol ilumina a montanha, onde se encontra Zarathustra, trazendo consigo o amanhã; todavia, já teria se cansado deste trajeto se não fosse a presença do profeta e de suas fiéis amigas: a águia e a serpente. No entanto, o sol ainda não trouxera o que Zarathustra aguardava impaciente, isto é, a chegada do grande meio-dia, o que simboliza o *übermensch* - traduzido para nosso vernáculo como além do homem ou super-homem - conforme explicaremos nos parágrafos posteriores. Porém, precisamos evidenciar que a Terra é a grande protagonista da obra e não o sol, à medida que é o local onde a vida é possível de ser afirmada, o que Nietzsche chama de amor *fati*, ou seja, amor ao destino, a fatalidade, a vida tal como é e não como gostaríamos que ela se apresentasse.

Também é importante colocar que no primeiro discurso, ao descer da montanha, Zarathustra fala acerca das metamorfoses do espírito, a saga do amadurecimento humano ao explicar como ele se transforma em camelo e este em leão e posteriormente em criança. O camelo simboliza as pessoas de pouca reflexão, heterônomas, que não são protagonistas da sua própria vida, seguem a massa, sem tecer nenhum juízo crítico; o leão é um destruidor de valores, revolucionário, utiliza-se de sua força para romper padrões impostos pela sociedade moralista, contudo o leão precisa transformar-se na criança, haja vista que esta representa o eterno começo, o eterno retorno, o caminho para o qual a humanidade deve seguir (NIETZSCHE, 2005).

Retomando o conceito de *übermensch*, traduzido ao vernáculo pátrio como além do homem ou super-homem, se faz necessário afirmar que não existe nenhuma relação com o super-homem da indústria cultural norte americana. Na acepção de Nietzsche, o além do homem não significa um homem fortalecido, potencializado, com uma força física sobrenatural. Consiste na possibilidade do ser humano encarar sua própria vida sem consolos ou “muletas” metafísicas. A vida é afirmada e superada neste plano, temos que conseguir viver no mundo tal como ele se apresenta, de maneira a combinar forças ativas e reativas no sentido da máxima potência, que emana de nós mesmos, da nossa própria natureza. O super-homem nietzschiano se considera salvo não por uma eternidade ou um ser superior, mas por estar vivo, por ter afirmado a sua vida a cada segundo, como se quisesse vivê-la novamente no aqui



e agora. O instante vivido no mesmo momento, sem modelos. Nada é idealizado, o real lhe basta, à medida que a eternidade é o instante que dá ensejo a outro, e assim por diante (NIETZSCHE, 2005).

Diante disso, o além do homem traz em seu bojo a ideia da denegação de duas experiências fundamentais – a experiência do tempo e da finitude. Para que possamos suportar as mazelas do mundo, assevera Nietzsche (2005), é que construímos outros mundos e perspectivas de vida eterna, sentido absoluto para a existência. Sem estes refúgios não suportaríamos viver. Ultrapassar o homem implica aceitar a possibilidade de finitude, sem a necessidade de algo transcendental. Suportar que a perspectiva da existência não tem uma justificativa nem ética ou religiosa, mas simplesmente estética, o que incide na possibilidade de viver uma vida pautada na beleza de uma obra de arte. Para tanto, é preciso ser mais do que um simples homem, requer superação.

Outro conceito nietzschiano abordado no curta “Meu Amigo Nietzsche” incide na famosa frase “Deus está morto”, que surge pela primeira vez na obra “A Gaia a Ciência” também de Nietzsche (2008) e é retomada em “Assim Falou Zaratustra” (NIETZSCHE, 2005). Para a filosofia nietzschiana, não há uma dicotomia de mundos e nem a separação entre razão e paixão; bem e mal; nada é estático, tudo está em movimento; a luta é constante e interna entre nossos próprios impulsos (forças). O mundo é uma pluralidade de forças, um eterno combate interno. Esta ideia de movimento não é nova na filosofia, é retomada por Nietzsche, a partir do filósofo grego pré-socrático Heráclito de Éfeso. O bem, segundo Nietzsche, está neste mundo, em nós, não é algo metafísico ou transcendental, é simplesmente humano. Quando Nietzsche (2005) afirma: “Deus está morto” não é no sentido literal, não é a entidade que morre, mas todo o significado da moralidade de uma razão esclarecida, absoluta, autodeterminável. Aliou-se Deus à moral, no entanto, se ela não existe, o moralismo se torna uma ilusão, e o julgamento moral, apenas uma interpretação, algo subjetivo que não pode ser universalizado. Na leitura que Richard Osborne (2011, p. 2017) faz acerca do tema:



Nietzsche acreditava que certos conceitos tornam-se indissociavelmente emaranhados: humanidade, moralidade e Deus. Quando seu personagem Zarathustra diz que Deus está morto, não apenas lançou o ataque contra a religião, mas fez algo muito mais audacioso. “Deus”, aqui não significa apenas o deus sobre o qual os filósofos falam ou para o qual os religiosos rezam: ele significa a soma total de valores que podemos ter [...]

Posto isto, foi audaciosa a proposta de Fáuston da Silva ao colocar um garoto ainda no Ensino Fundamental como leitor da obra “Assim Falou Zarathustra”, repleta de metáforas, linguagem de certo modo poética e com conceitos que dependem da leitura prévia de outros livros do filósofo Nietzsche. Porém, é justamente por essa dificuldade da leitura de uma obra filosófica que o processo de mediação se torna fundamental.

Considerações finais

Diante da narrativa apresentada pelo filme, foi possível compreendermos a complexidade das relações sociais de forma atuante por meio da mediação da informação e por todas as negociações culturais que ocorreram no decorrer da história. Retomando as questões iniciais: quantas palavras se perdem por falta de compreensão, que vai além de uma leitura meramente codificada, sem interpretação do contexto? A presença do processo de mediação é um fator importante para a apropriação da informação? Percebemos que todas as negociações que surgiram durante os processos de mediação foram determinantes para a apropriação realizada por Lucas. O processo de leitura do livro demonstrou uma evolução nos processos de apropriação. Lucas começa a história fazendo a leitura de palavras isoladas, lendo com certa dificuldade, mal conseguindo fazer a decodificação dos códigos linguísticos. Lucas lia simplesmente porque a professora havia exigido que ele lesse tudo o que aparecesse na sua frente, caso contrário, ele seria reprovado.

Entretanto, Lucas não demonstra competência informacional no início das leituras, lê de forma superficial e não reflete sobre a informação. É muito visível esta relação de ignorar a leitura quando os garotos correm para dentro do lixão e nem olham para a placa que diz ser proibida a entrada de crianças naquela área. Apesar dos garotos serem capazes de realizar a decodificação dos signos linguísticos, eles não têm o comportamento cultural de respeitar o aviso daquele contexto social. Talvez, se houvesse uma negociação cultural que permitisse uma mediação entre



aquela população ao esclarecimento dos perigos daquela área de risco representada pelo lixão, seria possível que aquela placa fosse lida e respeitada pelos integrantes sociais daquela região.

Infelizmente, a realidade apresentada pelo filme é o descaso com a cultura, com a educação e com as mudanças sociais. Verifica-se em uma cena do filme, uma informação muito interessante exposta por meio de uma imagem pintada em um muro da periferia em que há a palavra “Salomé” escrita de forma bem destacada e evidente. Logo abaixo há desenhos, bem no canto direito, aparece uma mensagem que diz: “Picasso não pichava”. Ou seja, nota-se a preocupação de alguém em suscitar reflexões naquela comunidade, o problema é que estas ações devem ser realizadas juntamente com o trabalho de desenvolvimento da leitura ativa e apropriação ampliada dentro e fora das escolas. Além disso, deveria ser um trabalho acompanhado pelos pais ou, na verdade, realizada também para os pais. Muitas vezes, a apropriação cultural da família pode interferir de forma negativa na educação dos filhos.

A cultura é um elemento muito presente na vida das pessoas e no desenvolvimento das atitudes sociais. É algo que está dentro de todos nós e age de forma consciente e inconsciente. Há alguns mitos no Brasil acerca do aprendizado da língua portuguesa. É muito comum ouvirmos que o português é a língua mais difícil de aprender do mundo, que os brasileiros não sabem escrever e que, tampouco, gostam de ler (aspecto relacionado com a educação), mas ficam horas e horas diante do computador ou do celular lendo as mensagens do face ou do *whatsapp* (demostrando que foram capazes de aprender e desenvolver uma competência tecnológica, bem ou não, e leitura no âmbito digital). É preciso rever o conceito estrito que as pessoas têm daquilo que consideram leitura. A leitura está além das palavras, há leitura de mundo, que depende do contexto prévio existente em cada pessoa.

Creemos que a realidade enfrentada por nosso país, no que diz respeito ao analfabetismo funcional, deve ser encarada com seriedade e mudanças que devem começar pela negociação cultural dentro das escolas pela mediação de informações na sociedade em geral, fazendo com que as pessoas queiram dialogar mais com textos diversos para que o processo de apropriação saia da mesmice trazida pelo pensamento hegemônico capitalista. É possível, sim, realizar apropriação fora da manipulação midiática. É possível, sim, trabalhar com literaturas diferenciadas em



contextos fora do meio acadêmico, inclusive em uma periferia. É difícil, mas não impossível que um sujeito de aparência como a de um catador de lixo reciclável consiga ler Nietzsche e que este filósofo torne realmente seu amigo, fazendo muito sentido na sua vida. Quem cria o limite para a aprendizagem é o próprio sistema, que desconsidera a subjetividade, visto que ensina “em série”. Nota-se, assim, que a diferença está no processo de mediação para a compreensão das palavras. A presença de um mediador que explicasse o significado da palavra Nietzsche foi determinante para o início da leitura do livro.

Referências

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J. da (orgs.). Mediação oral da informação e da leitura. Londrina: **ABECIN**, p. 9-32, 2015.
- BORGES, E. V. E. O texto além das palavras: uma visão ampliada da apropriação da informação por meio de textos literários. **Brazilian Journal of Information Science**, v. 10, n. 3, 2016.
- CAIRO, C.B. **O nascimento de um super-homem** – linguagem e subjetividade em “Meu amigo Nietzsche”, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/download/32247/17213>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, A. M. A. A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire: **Cad. CEDES**, v. 35 n. 96, p. 291-298, 2015.
- FREIRE, P. **Professor sim, tia não**: cartas a quem ousar ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- GAMBASSI, G. M. "**Meu amigo Nietzsche**": os perigos da leitura crítica em um mundo conformado, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/G9npHW3s5xDXYtQPMwQKVJG/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 31 ago. 2022.
- MARTÍN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. Porto Alegre: Brasiliense, 2003.
- NIETZSCHE, F. W. **A gaia Ciência**. São Paulo: Escala, 2008.
- NIETZSCHE, F. W. **Assim Falou Zarathustra**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- OSBORNE, R. **O livro da filosofia**. São Paulo: Globo, 2012.
- SILVA, F. da. **Meu amigo Nietzsche, 2013**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FroyMvgYfm0>. Acesso em: 13 abr. 2021.